

Internacional

RESGATE Iniciativa do governo catalão tenta identificar vítimas da Guerra Civil espanhola enterradas em valas comuns, resgatando corpos e DNA

Catalunha fecha suas feridas

TAÍZA BRITO
Especial para O JC

BARCELONA – Josefina Vilena, 71 anos, viveu um momento especial na semana passada no Hospital Vale do Hebron, em Barcelona. Ela foi ao laboratório da unidade fornecer material genético com a esperança de localizar os restos mortais do tio paterno Manuel Vilena, morto em 1938 durante a Guerra Civil espanhola. “Precisamos fechar essa ferida. Queremos dar um enterro digno ao meu tio. Pena que meus pais não estão aqui para testemunhar isso”, disse, entre lágrimas.

Sua busca para acertar as contas do passado é possível agora graças a uma iniciativa inédita de resgate da memória histórica na Espanha, empreendida pelo governo da Catalunha. Até então, 41 anos após a redemocratização do país, apenas associações de familiares das vítimas realizavam este tipo de trabalho, com subsídios governamentais ou mediante doações de terceiros.

O caso de Josefina é idêntico ao de milhares de espanhóis que perderam familiares no conflito ocorrido entre 1936 e 1939, que sequestrou a República e deu passo ao governo ditatorial de Francisco Franco. Estima-se que mais de 200 mil pessoas morreram no período e durante a repressão posterior. Calcula-se que na Espanha há 2.382 valas comuns, onde podem haver 45 mil pessoas enterradas sem identificação.

Ação na Catalunha se dá em duas frentes. Uma é através do programa de reconhecimento genético de pessoas desaparecidas durante aquele período, centralizado no Hospital Vale do Hebron. A outra vem por meio do Plano de valas, que investirá € 800 mil (R\$ 2,9 milhões) até o ano de 2018 no resgate de corpos de vítimas enterradas em fossas comuns.



SINAIS Primeira das 503 valas comuns catalogadas na Catalunha foi aberta na última quinta-feira



DNA Josefina forneceu material genético para localizar o tio

“Estou muito feliz com a iniciativa, que será de vital importância para todos, os que estavam do lado dos republicanos e os que lutaram na frente nacional. Todos caíram”, destaca Josefina, que nasceu na região de Múrcia, mas hoje vive na Catalunha. O tio de Josefina morreu na frente de Aragão, com menos de 20 anos, lutando do lado republicano contra os fascistas. “Minha mãe apenas recebeu uma carta informando a morte dele. Durante muitos anos, o assunto foi tabu por causa da repressão, mas

nunca esquecemos dele. Contudo, faz 41 anos que a ditadura acabou. Já era hora”, destaca Josefina.

O governo catalão mapeou 503 valas comuns, das quais 235 estão confirmadas e 268 são prováveis. A primeira delas, na cidade de Figuerola d’Orcau, foi aberta na última quinta-feira (21). No local, foram encontrados restos de 17 corpos, que pelas primeiras evidências, como a idêntica militar, indicam pertencer a soldados que morreram em comba-

tes entre abril e maio de 1938.

Os restos exumados em Figuerola d’Orcau serão analisados geneticamente e os dados incorporados à base de perfis de restos ósseos. Estes, como os demais catalogados, serão cruzados com os perfis genéticos dos familiares.

Raül Romeva, titular da Secretaria de Assuntos Exteriores, Relações Institucionais e Transparência, pasta responsável pelo trabalho de memória histórica, informou que este ano devem ser abertas de 30 a 40 valas. O secretário ressaltou que o banco de dados está aberto a qualquer pessoa na Catalunha.

“Aqui morreram pessoas de várias partes da Espanha e também voluntários de outros países”, explica, ao dizer que a prioridade é que as famílias encontrem seus parentes.

“O caminho que abrimos agora conduz até a normalidade dos estados saós, respeituosos com o passado e com o presente”, acrescentou Romeva, ao dizer que “não pode haver nem justiça nem democracia enquanto restos corpos anônimos escondidos em valas desconhecidas”.

Governo Rajoy reduziu verbas

A lei espanhola que reconhece e estabelece medidas de reparação para as vítimas da violência durante a Guerra Civil e a ditadura entrou em vigor em 2007, no governo de José Luis Zapatero (PSOE). Contudo, os críticos reclamam que a legislação transfere para as associações de familiares das vítimas, através de subvenção pública ou privada, o trabalho de geolocalização das valas, dignificação das mesmas e identificação dos corpos.

O que faz com que o trabalho fique à mercê da destinação de recursos no orçamento por parte do governo espanhol que, sob o comando do Partido Popular, atualmente no poder com Mariano Rajoy, foram minguando. “Se estivéssemos em um país normal, o próprio governo se responsabilizaria por identificar as vítimas”, reclamou Carme Garcia, diretora de Relações Internacionais e com o Parlamento da Catalunha, que integra a Secretaria de Assuntos Exteriores da Catalunha.

Ela explica que a ação empreendida na Catalunha só é possível por conta da Lei 10/2009, que trata sobre localização e identificação das pessoas desaparecidas, que foi completada com um decreto de 2010.

“Começamos este trabalho agora, porque foi precedido

Quem tem parente desaparecido durante a guerra civil pode se cadastrar em site para tentar realizar buscas

por uma série de outras ações, como o trabalho de geolocalização das valas, mas fazemos convicções que chegaremos até o final”, completou.

Aqueles que morem no exterior ou no resto da Espanha e tenham perdido parentes na Guerra Civil ou durante a ditadura franquista podem se cadastrar no programa de identificação genética através da web da Secretaria de Assuntos Exteriores da Catalunha. A inscrição se faz no endereço <http://bit.ly/2bUckPJ>. A estas pessoas é enviado por correio um kit para coleta de material genético, que posteriormente tem que ser devolvido.

● A repórter viajou a Figuerola d’Orcau a convite da Diplomacia Pública da Catalunha (Diplocat)

SE LIGUE NA TV JORNAL.
SEJA DIGITAL.

#tvjornaldigital

Prepare a sua televisão e assista agora mesmo à sua TV Jornal, com tecnologia digital. A partir de 26 de julho o sinal analógico será desligado.

- Muito mais qualidade de som e imagem.
- Ruídos e interferências vão virar coisa do passado.
- Mobilidade e interatividade na sua tela.

Ainda ficou com alguma dúvida?
 Acesse o site www.tvjornal.com.br/online
 e ligue por dentro de toda a madrugada.

www.tvjornal.com.br

[f tvjornal](#)
[@tvjornalsbt](#)
[@tvjornalsbt](#)

SUBPRIME

Dez anos depois, cidade “zumbi”

AFP

NEWBURGH (EUA) – As casas com as portas e janelas fechadas se estendem por quarteirões, testemunhando a crise “subprime” que atingiu fortemente essa pequena cidade a menos de duas horas de Nova Iorque. Dez anos depois, Newburgh se recupera e vislumbra uma saída.

A cidade de 30 mil habitantes no Vale de Hudson, antes próspera, estava em pleno boom imobiliário quando o mercado colapsou em 2007 e 2008, depois de anos de imensos empréstimos hipotecários indiscriminados e preços em alta em todo o país. A taxa de juros e os impostos locais subiram, e os preços das propriedades despencaram. Incapazes de arcar com os custos, muitos abandonaram suas casas de um dia para o outro, sem aviso.

“Antes da grande recessão, a maioria dessas casas estava habitada”, lembra Stuart, um artista chegado do Brooklyn que comprou uma moradia nessa rua próxima à avenida principal de Newburgh há 14 anos.

“Todas, até a esquina, foram embargadas. É realmente terrível”, disse ele, apontado para

uma dezena de casas. Um pouco mais longe, Marcus Fryar lembra de famílias inteiras que partiram, deixando um vazio. Ainda hoje, uma década depois do início da crise, mais de 700 casas – cerca de 10% do total de Newburgh – estão vazias.

Risco de incêndio, criminalidade alta, acentuação da queda dos preços imobiliários: os danos colaterais são variados. O grupo conta ainda com cerca de 200 “zumbis”, casas que a prefeitura não conseguiu sequer identificar o proprietário.

“Na maioria das vezes, os bancos iniciam o procedimento para recuperar a casa, mas logo percebem que não recuperarão o dinheiro com a venda do bem, e não concluem o trâmite”, explica Helene Caloir, diretora do fundo de estabilização de moradia do estado de Nova Iorque. Este fundo, que depende da ONG local Initiatives Support Corporation, financia iniciativas locais para saírem do impasse.

O dinheiro vem essencialmente dos próprios bancos, que concluíram com o procurador de Nova Iorque acordos amistosos para não ter que responder à Justiça por práticas que causaram ou agravaram a crise “subprime”.